



DIÁLOGOS TRANSVERSAIS NAS ESCOLAS: HÁ ABERTURA PARA ESSES CUIDADOS?

Edisio Pereira da Silva Luz Júnior¹
Luci Mara Bertoni²

RESUMO: Há espaços possíveis para os cuidados sobre gênero nas escolas? E especificamente sobre a identidade trans? É sobre esta questão subdividida que se inicia a presente construção, que será apresentada, também, como uma espécie de um primeiro diagnóstico sobre a percepção das identidades trans das escolas. Desse modo, emprega-se o caminho metodológico baseado em entrevistas semi-estruturadas com alguns atores do processo educativo (n=6), de uma instituição de educação da rede pública de ensino médio da cidade de Vitória da Conquista-Ba, seguindo o método bola de neve, com transcrição e análise através dos núcleos de significação. Os resultados apontam certa abertura recente para debates relacionados à identidade trans, mas é unísono quando as pessoas entrevistadas também compreendem uma grande resistência e preconceito diante da temática. No entanto, há perspectivas no que diz respeito à educação como uma construção em políticas públicas, com o avanço das reivindicações da comunidade em direção à promoção de saúde, que perpassam, inclusive, mudanças no currículo.

PALAVRAS-CHAVE: Escola; Gênero; Saúde; Transidentidades.

INTRODUÇÃO

Meyer (2003) aponta um aspecto importante o qual versa sobre a construção gênero, apontada como uma ferramenta conceitual, política e pedagógica que coloca em discussão os aspectos já estabelecidos de organização social - hierarquias e desigualdades. Sob esta perspectiva, acrescenta-se, portanto, as relações de poder vigentes no campo social com sua manutenção na instituição, neste caso a instituição educação, definida por Guilhon de Albuquerque (1979 *apud* Guirado, 2004) como sendo não um lugar no espaço, mas uma rede de relações que são reproduzidas e legitimadas. Torna-se possível pensar dois conceitos advindos da análise institucional, sendo eles: instituído e instituinte os quais, de acordo com Pereira (2000), são contraposições dialéticas, o instituído um resultado, aquilo que foi posto, que segue uma regra, estático, a lei e o instituinte um processo, que tem suas bases no que há de novo, transformador, revolucionário. O que foi instituído colocará a resistência ao que há de novo o que nos é caro pela compreensão que as perspectivas das transidentidades são lugares instituintes e que ainda encontram resistências no processo, especificamente aqui, educativo e escolar.

De acordo com Butler (2011, p. 87), gênero “não é inscrito no corpo passivamente, [...] é aquilo que é assumido, invariavelmente, sob coação, diária e incessantemente”. Rios et al

¹ Bacharel em Psicologia. Universidade Estadual da Bahia (UESB), *Campus* Vitória da Conquista.

E-mail: epsljr@gmail.com.br

² Doutora em Educação Escolar. Professora vinculada à Universidade Estadual da Bahia (UESB), *Campus* Vitória da Conquista. E-mail: profaluci@uesb.edu.br



(2016) concebe que pensar na diversidade da realidade cotidiana das escolas, significa também dar lugar às construções políticas, históricas e culturais. Pensando nisso, os autores colocam as questões das forças de mudanças (instituintes) relacionadas aos movimentos sociais como importantes para que a educação, cobrada pelos mesmos, mobilizasse suas forças para reforma de currículo e parâmetros nacionais. A educação para diversidade, assim, (Rios, *et al.* 2016), foca no entendimento de singularidades, limitações e potencialidades de cada sujeito, visando os processos críticos e reflexivos, apontando que educar na diversidade é condição necessária para que a desigualdade/subalternidade não seja reproduzida.

OBJETIVOS

Objetivo Geral: Compreender a existência ou não da abertura para diálogos sobre transidentidades na escola na visão de diversos atores do processo educativo.

Objetivos Específicos:

- Investigar como professores, técnicos e estudantes percebem a temática da transidentidade na escola.
- Entender se há, e de que forma podem ser reproduzidas as questões de preconceito com relação à população trans nas escolas, bem como explorar se são e a forma com qual a temática das transidentidades são abordadas nas escolas.
- Averiguar possibilidades de ações em saúde integral sobre transidentidades nas escolas.

METODOLOGIA

O percurso metodológico adotado para a construção dos dados apresentados nesta síntese se deu nas seguintes etapas: a) entrevistas semiestruturadas (com base em roteiro simples de 6 itens: O que pensa sobre a temática; este tema é tratado na escola? De que maneira?; deveria ser tratado? Por quê? De que maneira?). Foi empregada o método bola de neve (*snowball*), a qual, de acordo com Dewes (2013) trata-se de um método que tem foco na rede de amizades/conhecimentos dentro da amostra, baseia-se, portanto, na indicação de um indivíduo ou mais, pensando em uma cadeia de referências. Deste modo, há uma ou mais sementes - entrevistado(s) inicial(is), para o início da amostra.

A amostra foi de uma instituição de educação da rede pública da cidade de Vitória da Conquista-Ba, tendo duas pessoas sementes, totalizando, ao final, 6 pessoas entrevistadas (Representante do setor de pedagogia; Assistente de alunos, Representante da Diretoria de Ensino,



Docente, dois/duas estudantes). As entrevistas aconteceram presencialmente e com gravação para posterior transcrição, com autorização.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após as transcrições, utilizou-se dos núcleos de significação, apresentados como trechos da fala do entrevistado que possuem palavras que apontam um significado, construindo unidade de pensamento do sujeito (Aguiar, Ozella, 2013). Assim, serão apresentados ao leitor(a) os núcleos construídos abaixo.

a) A visão geral sobre gênero e transidentidades: Nesta seção estão reunidas as falas e trechos que concebem uma visão mais global que abarque, portanto, o entendimento de gênero, e transidentidades. De modo geral, o conceito de gênero é tido como uma construção social, ensinada e reproduzida, como apontada pela entrevistada 2, destacando, também o lugar do binarismo na sociedade. Visão que é compartilhada com a entrevistada 5 quando declara “*Eu vejo como uma construção social que tá sendo ainda uma caminhada muito lenta, para o acolhimento das pessoas trans. Mas eu acho que as lutas estão sendo muito interessantes no sentido de trazer visibilidade, respeito.*” Completando com o olhar que tem da sociedade, muitas vezes, “*arcaica, patriarcal.*”

De modo geral, há uma compreensão comum entre as pessoas entrevistadas sobre o lugar social do conceito de gênero, e isso se repete como uma condição previamente estabelecida e que perpassa os lugares de poder na sociedade, como foi abordado na seção de debates teóricos. O lugar de gênero e de transidentidades ainda é considerado uma discussão nova, que enfrenta muitas lutas e resistências no processo.

b) A escola como um espaço possibilitador: Apesar de a escola ser um lugar ambíguo entre riscos e proteção, essa seção se dedica a algumas questões possibilitadoras sobre o convívio escolar. Como possibilidade, a entrevistada 1 coloca uma questão importante sobre acolhimento, declarando que “*o corpo docente, da escola vai interferir muito, se vai acolher ou não, as diferentes manifestações de gênero, eu acho que isso conta muito, a postura*”.

Algumas questões que podem ser conferidas na fala da entrevistada 6, quando aponta a dicotomia que existe, muitas vezes, quando o ambiente familiar não aprova e que a escola é um lugar libertário para essa pessoa em questão. Ainda com base na fala da entrevistada 6, a mesma consegue perceber que na instituição onde atua, houve diversas situações em que pessoas começaram o processo de entendimento de sua sexualidade e de gênero, sendo também, amparado pela possibilidade mais libertária que a pessoa comenta. Assim, entende-se a escola como uma



agente possibilitadora do acolhimento e da educação transformadora, apesar de ainda haver muitos processos violentos em se tratando de gênero.

c) *Escola: Risco e Proteção:* A entrevistada 1 percebe uma reprodução de violência naturalizada inclusive partindo do corpo docente da instituição de ensino, voltadas para a questão de gênero. Acrescenta que apesar de perceber a atual instituição como acolhedora, também aponta que há muitas resistências, entende-se que os aspectos instituídos oferecem uma resistência ao novo, às novas formas de organização.

A escola também é vista, pelas pessoas entrevistadas como um lugar de formação, assim a entrevistada 3 diz *“Porque é a vida das pessoas, e nas escolas é onde muita coisa, você tá formando muita coisa, a opinião de muita gente, caráter. Então é muito importante saber que tipo de adulto a gente vai virar, e na escola é onde você mais tem influência.”*. A entrevistada 6, volta a pontuar que percebe um movimento de disrupção desses aspectos mais conservadores, no qual a comunidade escolar tem se aberto, aos poucos, para o respeito e à diversidade, pontuando: *“Então a gente tem que tá pronto inclusive o contrário, para o indivíduo que chega aqui e que vai lá no banheiro e se maquia, e anda livremente”*.

d) *As possibilidades reais:* É unânime de todas as pessoas entrevistadas que essa temática de gênero e transidentidades não é trabalhada nas escolas e que percebem a importância e necessidade de um trabalho coletivo, envolvendo todos os atores do processo.

Percebe-se, então, uma abertura e importância de trabalho apontado como sensibilização e conhecimento de todas as pessoas envolvidas no processo de educação escolar. As sugestões sobre o tema apontam para: necessidade de realização de formação para corpo docente; oficinas; palestras; visualizações multiprofissionais sobre saúde trans; informação de qualidade sobre saúde; psicoeducação sobre a política do Sistema Único de Saúde (SUS) - (uso de binder, mastectomia, hormonioterapia); uso de pronomes (binários e não-binários).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a diversidade dos conteúdos postos pelas entrevistadas é possível perceber uma atuação já existente em alguns casos da escola como um ambiente possibilitador, mas também inúmeras possibilidades para utilizar do mesmo para o desenvolvimento saudável dos atores da educação. Sabe-se que a abordagem proposta por essa pesquisa restringe a complexidade dos aspectos, que poderiam ser destrinchados em diversos outros pontos com aportes teóricos e práticos, mas sinaliza-se a importância como um diagnóstico inicial para a continuidade do trabalho. E é alicerçado na frase *“[...] tornar o ambiente da escola mais libertário. Eu tô*



usando muito a palavra libertário, mas acho que é isso, a escola precisa ser libertadora, entendeu?”. É desse modo que podemos terminar sem concluir, porque ao perceber as possibilidades de uma educação transformadora, coletiva e potente, o trabalho humilde, de ensino, aprendizado e vida, inicia-se. Não só com gênero e transidentidades, mas com o que há de humano. Há a possibilidade de uma educação transformadora também em saúde integral em favor da qualidade de vida e respeito à diversidade.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, W. M. J.; OZELLA, S. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. **Revista brasileira de Estudos pedagógicos**. Brasília: 2013. v. 94. n. 236. p. 299-322.

BUTLER, J. (2011). Actosperformativos e constituição de gênero. Um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: A. G. Macedo & F. Rayner (Orgs.). **Gênero, cultura visual e performance**. Antologia crítica. Minho: Universidade do Minho/Húmus.

DEWES, J. O. **Amostragem em Bola de Neve e Respondent-driven Sampling: uma descrição de métodos**. 2013. Monografia (Bacharel em Estatística) - Instituto de Matemática - Porto Alegre, 2013.

GUIRADO, M. **Psicologia Institucional**. 2.ed. São Paulo: EPU, 2004.

MEYER, D. E. Gênero e Educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes.; NECKEL, Jane. Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Org.) **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na Educação**. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 9-27.

PEREIRA, W. R. Algumas contribuições da análise institucional para estudar as relações entre os serviços públicos de saúde e sua clientela. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v.53, n.1, jan./mar. 2000.

RIOS, J. A. V. P., NUÑEZ, J. M. L. FERNANDEZ, O. F. R. L. Diversidade na Educação Básica: Políticas de sentido sobre a formação docente. **Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 25, n. 45, p. 101-112, jan./abr. 2016.